

SEQUÊNCIA 1

Autopsicografia

Consta de três partes o pensamento implícito nesta poesia.

Cada uma das suas quadras representa um conceito. Na primeira se encontra, todavia, a premissa do pensamento extremamente importante contido nas três estrofes. Sendo um “fingidor”, o poeta não finge, em verdade, a dor que não sentiu, mas, sim, a dor de que teve experiência direta. Assim se afasta qualquer possibilidade de interpretação do conceito de “fingimento” inerente à génese poética de Fernando Pessoa na base de uma integral simulação da dor ou da experiência emocional que se não teve. O reconhecimento da dor – experiência emocional – como base imprescindível da criação poética está patente, de forma clara, nesta primeira quadra. Mas – e isso se me afigura a essência da estética alquímica de Pessoa – a dor que o poeta realmente sente não é a dor que comparece, ou que deve comparecer, na sua poesia. Adverso por natureza a toda a espontaneidade – e não se confunda repulsa da espontaneidade com elaboração penosa; Fernando Pessoa, não sendo espontâneo, não era laborioso –, o poeta de *O Último Sortilégio* (uma das suas mais notáveis composições ocultistas) não podia, de forma alguma, considerar poesia a passagem imediata da experiência à arte, da vivência à sua decantação, do impuro emocional ao puro ato intelectual. Por isso, sobre a dor experimentada, exigia a *criação* de uma dor fingida. Na mesma ordem de ideias, o ator que interpreta o papel de Otelo não deve traduzir, na expressão interpretativa da figura que recria, os sentimentos que porventura experimentou fora do palco suscetíveis de se integrarem na ordem de reações a que a personagem de Shakespeare está sujeita, pois *representar* – a palavra o está a dizer – é tornar objetiva, materializando-a, a paixão implícita na psicologia da figura que encarna em cena. Assim, o próprio poeta, desde que se propõe escrever sobre uma dor sentida, deve procurar representar, materializando-a, essa dor, não segundo as linhas espontâneas em que ela se lhe desenhava na sensibilidade, mas segundo o contorno imaginado que lhe dá, voltando-se para si mesmo e vendo-se a si mesmo *como tendo tido* certa dor. É, aliás, o processo preconizado pelo escritor clássico, para quem a arte é como que a *inteligibilização* do sensível.

No caso de Fernando Pessoa, porém, [...] a inteligibilidade não se tornava *mot d'ordre* da representação que se propunha. Se *pensar* o sensível era fado seu – não era seu fado pensá-lo lógica ou discursivamente. A essência do trabalho alquímico a que um poeta da índole de Fernando Pessoa se dá quando “representa” as suas dores num poema nada deve ao método da inteligibilidade racional. A metamorfose a que submete a sua dor, mimando-a, fingindo-a, representando-a, apenas altera o plano onde essa dor decorre. Dor real primeiro, ou seja, dor dos sentidos, é dor imaginária depois, ou seja, *dor em imagens*. Não podendo materializar corporalmente as emoções, como faz o ator ou o bailarino, o poeta, que em verdade o é, materializa-as em imagens potencialmente suscetíveis de provocar no leitor – e o próprio poeta é o seu primeiro leitor – o regresso à emoção originária.

“Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente” – escreve Fernando Pessoa. O sentido é claro – fingida a dor em imagens segundo o modelo da dor originária, tão perfeitamente a finge o poeta que o fingimento se lhe torna mais real que a dor fingida. De tal sorte que a dor fingida, de fingimento que era,

se lhe converte em nova dor, dor imaginária, cuja potencialidade de comunicação absorve por inteiro o que de latente existia da dor que nela se metamorfoseou. E, transmutação do plano vivido para o plano imaginado – objetivação alquímica da escória emocional no ouro puro da representação mental –, eis que prepara o acesso à fruição impessoal das dores que a poesia proporciona ao leitor.

E assim nos encontramos na segunda parte do pensamento contido na *Autopsicografia*. O leitor de um poema não entra em contacto com qualquer das dores que porventura o poeta nele exprima. A dor real, essa, ficou na sua carne – na carne do poeta: não chegou à poesia. Quanto à dor representada – é óbvio que o leitor a não frue já como dor, pois dor ela não é, uma vez que a dor é do mundo dos sentidos e a poesia da esfera do espírito. A dor que a poesia exprime é exatamente aquela que o leitor não tem – “Mas só a que eles não têm” –, pois ninguém tem, em verdade, o que a ninguém pertence, pura representação abstrata de uma dor *mentalizada*.

Eis-nos, finalmente, na última parte do pensamento implícito na poesia em discussão. Sendo, como é, a poesia, pelo menos de Fernando Pessoa, representação mental, o coração, “esse comboio de corda”, centro dos afetos tão desdenhados pelo poeta, que sempre considerou a sinceridade emocional falha de verdadeira sinceridade, o coração não passa de um entretenimento da razão, girando, mecânico, pelas calhas fixas que é o mundo do convencionalismo emocional onde decorre a existência ordinária de cada um de nós.

SIMÕES, João Gaspar, 2010. *Fernando Pessoa*. Lisboa: Texto